



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB**

**CAMPUS I – CAMPINA GRANDE**

**CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS**

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEF**

**CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**RICARDO MÚCIO MACÊDO DE ARAÚJO**

**UMA PROPOSTA DE ENSINO PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:  
COOPERATIVIDADE E FUTEBOL NOS ANOS FINAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2022**

**RICARDO MÚCIO MACÊDO DE ARAÚJO**

**UMA PROPOSTA DE ENSINO PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:  
COOPERATIVIDADE E FUTEBOL NOS ANOS FINAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Educação Física, da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do  
título de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup> Maria Goretti da Cunha Lisboa.

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A663p

Araujo, Ricardo Macedo de.

Uma proposta de ensino para a Educação Física  
[manuscrito]: cooperatividade e futebol nos anos finais do  
ensino fundamental / Ricardo Mucio Macedo de araujo –  
2022.

40p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso ( Graduação em  
Educação Física) – Universidade Estadual da Paraíba, centro  
de Ciências Biológicas e da Saúde, 2023.

“Orientação : Profa. Dra. Maria Goretti da Cunha Lisboa ,  
UEPB – Universidade Estadual da Paraíba.”

1. Educação Física. 2. Jogos e brincadeiras. 3. Jogos ,  
cooperativos – Futebol. 4. Ensino Fundamental. I. Título  
21. ed. CDD 796.077

RICARDO MÚCIO MACÊDO DE ARAÚJO

UMA PROPOSTA DE ENSINO PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:  
COOPERATIVIDADE E FUTEBOL NOS ANOS FINAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Artigo) apresentado ao Curso de  
Licenciatura em Educação Física, da  
Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial à obtenção do  
título de Licenciado em Educação  
Física.

Aprovado em: 05/12/2022.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Goretti da Cunha Lisboa (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Dóris Nóbrega de Andrade Laurentino  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Jozilma de Medeiros Gonzaga  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos educadores que persistem e sonham, acreditam que sempre tem alguém disposto para aprender e ensinar nas salas de aulas, e, por isso, preparam, organizam material, experimentam novas intuições para despertar nos jovens estudantes o gosto pela Educação.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	06
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	08
2.1	Jogos cooperativos.....	10
2.2	Futebol.....	12
2.3	A crônica e a formação crítico-social.....	14
3	METODOLOGIA.....	16
3.1	Tipo de estudo.....	16
3.2	Sequência pedagógica.....	16
4	CADERNO DE ATIVIDADES.....	21
4.1	Sobre o caderno de atividades.....	21
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
	REFERÊNCIAS.....	29
	ANEXO A - GOL CONTRA.....	31
	ANEXO B – GOL DE LETRA.....	32
	ANEXO C – O TORCEDOR.....	34
	AGRADECIMENTOS.....	35

**UMA PROPOSTA DE ENSINO PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:  
COOPERATIVIDADE E FUTEBOL NOS ANOS FINAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

**ARAÚJO, Ricardo Múcio Macêdo de<sup>1</sup>**

**RESUMO**

Este trabalho é fruto da observação/inquietação de que há rejeição dos estudantes para assistirem às aulas teóricas de Educação Física no espaço da sala de aula. Aqui, apresentamos uma sugestão, por meio de um caderno de atividades, para que a prática de jogos e brincadeiras também seja motivo de discussão e construção de conhecimentos. O foco da proposta é a aula de Educação Física abordando as temáticas Jogos Cooperativos e Futebol como oportunidade para que estudantes e professores possam vivenciar experiências de práticas corporais e reflexões crítico-social. O caderno de atividades está organizado para que o professor dos anos finais do ensino fundamental possa aplicá-lo em sala de aula. O objetivo é apresentar uma sequência pedagógica com práticas corporais, leituras e discussões. A metodologia centra-se na descrição do passo a passo para que o professor direcione a sequência de aulas. Assim, a expectativa é que os Jogos Cooperativos promovam integração social e formação continuada dos professores. No referencial teórico, destacam-se os estudos de Kunz (2010), Libâneo (2008), Bracht (1999), Cardoso (2005), Brotto (1999), Freire (2006), Castelo (2007), Arrigucci (1987), dentre outros. Como também tomamos por base o documento norteador BNCC (2019).

**Palavras chaves:** Educação Física Escolar; Jogos e brincadeiras; Cooperatividade e futebol.

**ABSTRACT**

This work is the result of the observation/concern that there is rejection by students to attend theoretical classes of Physical Education in the classroom. Here, we present a suggestion, through an activity notebook, so that the practice of games and plays in class are also a reason for discussion and knowledge construction. The focus of the proposal is the Physical Education class, addressing the themes Cooperative Games and Football as an opportunity for students and teachers to experience corporal practices and critical-social reflections. The activity notebook is organized so that the teacher of the final years of elementary school can apply it in the classroom. The objective is to present a pedagogical sequence with corporal practices, readings and discussions. The methodology focuses on the step-by-step description for the teacher to guide him to the sequence of classes. Thus, the expectation is that the Cooperative Games promote social integration and continued training of teachers. The theoretical framework is based on studies by Kunz (2010), Libâneo (2008), Bracht (1999), Cardoso (2005), Brotto (1999), Silva (2014), Freire (2006), Castelo (2007), Arrigucci (1987), among others. As we also based on the guiding document BNCC (2019).

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física - UEPB

**Keywords:** School Physical Education; Games and plays; Cooperative and football.

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente, temos visto que é unanimidade a preferência dos estudantes pelas aulas práticas, com movimentos, à reflexões sociais críticas que coadunem com a cultura do exercício físico planejado. Aqui não nos debruçaremos sobre questões estruturais das escolas, uma vez que somos conscientes de que sempre estamos desejando melhorias nestes ambientes, assim, não adianta procurar ou apontar culpados para alguns insucessos nas aulas de Educação Física, pois, o nosso foco será uma discussão sobre a aula e o direcionamento destas com base nas orientações e estratégias dos professores que ministram a disciplina Educação Física.

Segundo Kunz (2010), a Educação Física deve, sempre, está comprometida com as políticas educacionais de tendências crítico social e soltar-se das amarras das modalidades esportivas baseadas no alto rendimento. Mesmo apresentando exemplos práticos dos esportes no contexto escolar, a aula de Educação Física deve oportunizar uma crítica do ponto vista humano e pedagógico. Com isso, Kunz (2010) afirma que a aula de Educação Física não deve ser planejada como se fosse para atletas de alta performance, mas, sim, para pessoas que carecem de reflexões críticas.

A Educação Física Escolar pode ser sinônimo de saúde, é o componente curricular no qual os professores precisam discutir com afinco, ou seja, direcionarem temáticas para trabalhos interdisciplinares dentro das escolas com base em leituras e práticas de ensino. Às vezes dá a entender que estes professores não têm lido (de forma suficiente sobre as teorias e as práticas em sala de aula) para que sejam realizados momentos interacionistas – troca de experiências –, ou seja, dinâmicas reflexivas em sala de aula. Com isso, o educador que ministra o componente Educação Física é, muitas vezes, rotulado como aquele que não prepara aulas e apenas dá uma bola para os educandos, e, por isso, às vezes, infelizmente, é ignorado nos planejamentos pedagógicos e nas discussões sociais dentro e fora da escola. De fato, alguns educadores fingem que ensinam, dão a bola e esquecem de seus compromissos com a sociedade. Felizmente, isso vem mudando, mas, ainda há muito a se fazer para que os momentos vivenciados dentro das salas de aulas tomem rumos diferentes no tocante a formação cidadã dos estudantes. Kunz (2010, p.11) orienta para que ocorram “propostas político-educacionais de tendência crítica da educação brasileira”.

Quando falamos da prática em sala de aula é porque estamos preocupados, também, com o direcionamento da aula fora da quadra, do ginásio ou do campo, ou seja, parece ser urgente que tenhamos mais reflexões sobre as atividades práticas por meio de interações e construções de conhecimentos que formem e humanizem sujeitos críticos para uma sociedade melhor. Para Kunz (2012, p.111), a intervenção do professor deve ser planejada, executada e avaliada “a partir de um conjunto de estruturas universais à formação humana...”

Preparar aulas é um trabalho árduo, mas faz parte da profissão. Na verdade, o planejamento requer reflexão, mudanças que culminem em sucesso. Criar estratégias para as aulas de Educação Física é tarefa do educador, pois, este conhece a realidade da escola onde atua e a de seus estudantes, com base nos contextos vivenciados por alunos e professores.

A prática pedagógica e as mudanças pelas quais têm passado o ensino da Educação Física em nossas escolas é o foco do trabalho proposto aqui. Assim, propomos um caderno de atividades centrado na prática de sala de aula, com abordagem para um conteúdo: o Esporte, através do futebol e da cooperação, pois o que é proposto, principalmente em um caderno de atividades, abre portas tanto para o melhoramento do trabalho pedagógico quanto para que outras pesquisas e sugestões de atividades que possam ser realizadas. De início, tínhamos em mente uma pesquisa-ação, mas, em função da Pandemia do Corona vírus e uma volta às aulas muito conturbada, tendo em vista que na volta às aulas, em 2022, enfrentamos dificuldades diversas em nossas salas de aulas, a exemplo da readaptação para as aulas presenciais, decidimos por organizar o caderno de atividades que também será posto em prática futuramente por nós e relatado em um outro momento.

O caderno de atividades tem por finalidade contribuir com a atuação e formação do professor de Educação Física. Neste são descritas sugestões de aspectos metodológicos para serem aplicados – ou até mesmo modificados, a depender dos contextos reais de cada educador, do alunado ou da escola – em escolas do Ensino Fundamental – anos finais.

O que será apresentado é uma oficina/sequência pedagógica organizada para seis aulas, principalmente para o 8º e o 9º ano, mas nada impede que este caderno seja aplicado ou adaptado para o 6º e o 7º ano. Diante deste contexto, o objetivo deste estudo é propor uma sequência pedagógica para a Educação Física Escolar, anos finais do ensino fundamental.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O professor de Educação Física é um educador que, como outro qualquer, precisa ser provocador no sentido de despertar, em seus discentes, a curiosidade e a ânsia de aprender e ensinar. É a troca de experiências que vai resultar em ensino e aprendizagem. De acordo com Libâneo (2008), as situações didáticas devem ser críticas e reflexivas, pois o ato de ensinar não pode ser compreendido como um mero repassar de conhecimentos. Só há ensino quando há aprendizagem, e vice-versa, ambos são inseparáveis e essenciais para a formação humana, para que assim possamos viver cada vez melhor em sociedade. Para Libâneo (2008), a compreensão crítica do processo de ensino está relacionada com a unidade entre objetivos\conteúdos\métodos, pois estes são “a espinha dorsal das tarefas docentes e o domínio de métodos e procedimentos para usar em situações didáticas concretas”.

Para a estrutura de uma aula se faz necessário um planejamento intencional do docente na busca de um trabalho ativo entre os envolvidos. Os educadores direcionam o processo ensino/aprendizagem na busca da consolidação dos conteúdos conceituais, atitudinais e procedimentais por meio da ativação das capacidades cognitivas. Libâneo (2006) caracteriza a metodologia do trabalho em um conjunto de elementos, por exemplo: os passos a serem percorridos no momento de uma aula ou de uma unidade didática; os métodos, no caso, os procedimentos da docência; os materiais didáticos e as técnicas de ensino e a organização de uma situação para que ocorra ensino/aprendizagem.

Segundo Libâneo (2006), todas as atividades humanas carecem de organização, implicam um modo de serem realizadas. Pois são uma sequência de atos sucessivos e inter-relacionados para atingir um objetivo. O educador planeja, de forma estruturada e ordenada, atividades intencionais para atingir os objetivos de aprendizagem.

Assim, uma sequência de aulas, como a proposta aqui, requer uma elaboração coesa. Nas palavras de Libâneo (2008, p.241):

Na preparação de aulas, o professor deve reler os objetivos gerais da matéria e a sequência de conteúdos do plano de ensino. Não pode esquecer que cada tópico novo é uma continuidade do anterior; é necessário, assim, considerar o nível de preparação inicial dos alunos para a matéria nova.

Nas aulas de Educação Física já não cabe dissociar os movimentos da vivência. Nossos estudantes precisam refletir e construir conhecimentos sociais para a consolidação de uma formação cidadã. Segundo Bracht (1999), propostas pedagógicas pautadas na abordagem crítico-superadora e crítico-emancipatória vem contribuir com a formação crítica dos cidadãos quanto ao movimentar-se nos esportes. Para o autor, o educador precisa ter cautela ao trabalhar os esportes na escola, principalmente para não cair no equívoco de reproduzir os valores e princípios da sociedade moderna capitalista, uma vez que o mais adequado é instruir os estudantes para uma formação crítica de acordo com a cultura local, pois o esporte de rendimento acaba reproduzindo as formas culturais dominantes do movimento humano. Bracht (1999, p. 81) diz que as abordagens crítico-superadora e crítico-emancipatória tornam os “cidadãos conscientes ou dotados de consciência crítica, os sujeitos poderão agir autônoma e criticamente na esfera da cultura corporal ou de movimento, e também agir de forma transformadora como cidadãos políticos”.

Os esportes, nas escolas, não devem ser trabalhados apenas como modalidades desvinculadas da vida. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC – (2019), ao tratar os esportes como unidades temáticas, os estudantes devem conhecê-los, a exemplo dos esportes de invasão, para que possam experimentar, vivenciar diferentes papéis, praticar um ou mais esportes e, principalmente, refletir sobre as práticas, como enfatizado em uma das habilidades: “(EF89EF05) Identificar as transformações históricas do fenômeno esportivo e discutir alguns de seus problemas (*doping*, corrupção, violência etc.) e a forma como as mídias os apresentam.” Travar discussões após aulas práticas é uma necessidade real, porque nossos jovens precisam compreender (ou pelo ou menos refletir) situações ilusórias proporcionadas por sonhos e idolatrias vigentes espelhadas em grandes astros dos esportes, como por exemplo, o futebol.

Há esportes que são extremamente populares, por exemplo, o futebol, que pode ser utilizado com finalidade educativa. Segundo Cardoso (2005), o futebol pode ser tratado nas escolas como uma possibilidade pedagógica embasada na concepção Crítico Emancipatória, ou seja, são as possibilidades pedagógicas do futebol numa proposta co-educativa. Segundo Cardoso (2005), discutir o futebol como possibilidade pedagógica significa admitir que este não foi ainda inteiramente compreendido como tal.

A temática cooperação se faz necessária em muitos aspectos da vida, logo, reunir dinâmicas cooperativas com futebol objetiva formar atitudes e procedimentos valorosos para a formação pessoal dos discentes. Segundo Lopes et. al. (2008), jogos

cooperativos são de extrema importância, principalmente quando fazem contradição ao individualismo e a competitividade exacerbada existente nas aulas de Educação Física Escolar.

O esporte, às vezes, reproduz, no ambiente escolar, infelizmente, características como a eugenia, a competitividade e o individualismo. Mas as dinâmicas e Jogos Cooperativos são alternativas para minimizar essa situação, porque podem e devem contribuir para um trabalho diferenciado e reflexivo sobre prática corporal. E assim o professor de Educação Física Escolar também analisará/refletirá a sua prática a fim de provocar, nos discentes, o pensamento crítico sobre a competição e a cooperação.

## 2.1 Jogos cooperativos

A cooperação sempre provoca momentos de ensino/aprendizagem dentro ou fora das escolas. Cooperar é sinônimo de formação para a vida e para a cidadania na convivência social. Sempre que estamos em ambientes coletivos usamos de ações cooperativas mesmo sem fazermos reflexões sobre nossos atos, por exemplo, quando estacionamos veículos automotores ou quando caminhamos nas calçadas, nas filas de restaurantes, bancos, repartições públicas e outros ambientes há cooperação por meio da organização pessoal.

Nas palavras de Brotto (1999), a cooperação está também dentro dos jogos e das brincadeiras, mesmo que estas estejam voltadas para uma finalidade competitiva, pois os componentes de uma equipe precisam, necessariamente, cooperarem entre si. Brotto (1999) afirma que a cooperação pode modificar os comportamentos dos jogos e dos envolvidos, pois fazer isso é criar possibilidades para a transformação pessoal. Assim, os jogos cooperativos são um meio do qual os educadores podem obter mais sucesso por meio de uma interação social mais cordial, acolhedora, na qual todos são vencedores.

Os jogos cooperativos surgem a partir da preocupação com o excesso de individualismo em disputas acirradas nas competições que, às vezes, acabam provocando até mesmo o afastamento/inimizades daqueles envolvidos nos processos sociais. Segundo Mendes et. al. (2009), os jogos cooperativos foram criados com o objetivo de promover a autoestima e ampliar o desenvolvimento de habilidades interpessoais positivas, pois, com a inserção destes jogos na Educação, é possível que

seja introduzida uma cultura de paz, uma formação cidadã e uma convivência social construtiva.

Diariamente, dentro de nossas escolas, vivemos situações competitivas que, na maioria das vezes, extrapolam todos os limites, a exemplo de alguns jogos escolares e gincanas nos quais até mesmo os educadores tomam partidos com atitudes de acirramentos exagerados. Não queremos aqui negar a competição, pois esta existe naturalmente entre nós, mas que esta seja saudável, honesta, sem inimizades, com a ausência de atitudes trapaceiras que só colocam em risco a perda de valores importantes para o convívio social nas práticas esportivas e na vida, principalmente, dentro das escolas.

Por isso acreditamos nos jogos cooperativos como possibilidades para a formação humana. Brotto (1999) chega a dizer que entre a cooperação e a competição há uma linha tênue, mas é a cooperação o ingrediente essencial para o processo educativo. Segundo Brotto (1999), a Cooperação promove dinâmica social e valor humano para que possamos construir um mundo melhor.

Os jogos cooperativos têm colaborado para a formação humana em diversas áreas, e, primordialmente, na Educação Física e nas Ciências do Esporte, em particular, na Pedagogia do Esporte. Segundo Brotto (1999), os jogos cooperativos, embasados nas brincadeiras e jogos, foram criados com a finalidade de promover a autoestima e o desenvolvimento de habilidades interpessoais saudáveis que, geralmente, previnem problemas sociais, a exemplo de estresses, depressões, isolamento social como a timidez, dentre outros.

Para Silva et al (2014), as dificuldades de socialização e cooperação são percebidas nas práticas do cotidiano, assim, um caminho para implementar os esportes e as brincadeiras é o cooperativismo, pois jogos e brincadeiras cooperativas são portas de entrada para uma aprendizagem social que se inicia dentro das escolas e se consolida nas práticas sociais da vida.

Os esportes proporcionam socialização em todas as situações, sejam eventos organizados por entidades, sejam jogos amistosos e brincadeiras realizados em espaços simples pelos próprios praticantes. Na escola, o esporte precisa ser visto, também, de acordo com as práticas do dia a dia, por exemplo, andar de bicicleta, caminhar, dançar, jogar basquete, futebol, vôlei, baleada e outros. Para Kunz (2010), considerar todos os esportes, principalmente as práticas simples e adaptadas, a exemplo dos jogos cooperativos com adaptações para os esportes, é compreender o esporte num conceito

amplo, além do que é repassado pelas mídias no que diz respeito aos esportes de auto rendimento.

Um evento de grande porte socializa sim, povos de culturas diferentes trocam conhecimentos, formam laços de amizade, mas os grandes eventos esportivos, às vezes, nas discussões dentro das escolas, apenas vislumbram o esporte como mercadoria e consumo. E não é isso que aula de Educação Física deve enfatizar, pois é preciso compreender que a socialização acontece porque pessoas reais estão envolvidas nas práticas vivenciadas.

O futebol, por exemplo, talvez seja o esporte que mais socialize, tendo em vista que sua prática acontece em espaços diversos: campinhos de terra batida, meio da rua, terreno baldio, na quadra da escola, na praça, na garagem, enfim. O futebol é conhecido como um dos esportes mais bonito, prova disso é que a Copa do Mundo de Futebol mobiliza os olhares do planeta para este evento. Isso evidencia que este esporte tem um valor cultural muito significativo, principalmente para o povo brasileiro, uma vez que o futebol brasileiro é considerado mundialmente como perfeito, bonito, eficiente, artístico, uma vez que se afirmam ser os jogadores profissionais do Brasil os mais habilidosos do planeta.

## 2.2 Futebol

O futebol é um esporte popular, simples de ser praticado, principalmente quando desejamos adaptar este esporte para as atividades planejadas na Educação Física. Nas escolas, em aulas de Educação Física, é comum ocorrer a prática do futebol com base nas regras do alto nível, mas cabe aos educadores repensarem suas práticas para que ocorram reflexões oriundas das propostas de adaptação para o futebol.

De acordo com a – BNCC (2019), o futebol é classificado como sendo um esporte de invasão ou territorial, uma vez que o objetivo do jogo é, sempre, levar uma bola para introduzir no espaço da outra equipe, no caso, as metas ou gols; em suma, trata-se de um esporte de invasão com zonas de ataques e de defesas para ambas as equipes que disputam uma partida com a finalidade de marcar gols nas metas. A BNCC (2019) elenca habilidades essenciais para a formação humana e aprendizado do futebol não só como espelho na elite do futebol profissional de alto rendimento, mas também como o professor deve enxergar e direcionar experimentações formativas para os estudantes. Assim, citamos aqui algumas habilidades que estão relacionadas aos

esportes de invasão, a exemplo do futebol, encontradas na BNCC (2019), as quais os professores da Educação Física precisam conhecê-las e colocá-las em prática no cotidiano escolar.

(EF89EF01) Experimentar diferentes papéis (jogador, árbitro e técnico) e fruir os esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.

(EF89EF02) Praticar um ou mais esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate oferecidos pela escola, usando habilidades técnico-táticas básicas.

(EF89EF03) Formular e utilizar estratégias para solucionar os desafios técnicos e táticos, tanto nos esportes de campo e taco, rede/parede, invasão e combate como nas modalidades esportivas escolhidas para praticar de forma específica.

(EF89EF04) Identificar os elementos técnicos ou técnico-táticos individuais, combinações táticas, sistemas de jogo e regras das modalidades esportivas praticadas, bem como diferenciar as modalidades esportivas com base nos critérios da lógica interna das categorias de esporte: rede/parede, campo e taco, invasão e combate.

(EF89EF05) Identificar as transformações históricas do fenômeno esportivo e discutir alguns de seus problemas (*doping*, corrupção, violência etc.) e a forma como as mídias os apresentam.

(EF89EF06) Verificar locais disponíveis na comunidade para a prática de esportes e das demais práticas corporais tematizadas na escola, propondo e produzindo alternativas para utilizá-los no tempo livre. (BNCC, 2019, p. 236)

O futebol foi jogado no Brasil, pela primeira vez, em 1864, por marinheiros brasileiros que estavam gozando de licença em terra firme, mas este esporte foi introduzido formalmente em 1894, por um jovem inglês – Charles Miller – que na oportunidade regressou de uma viagem, trouxe duas bolas e um livro de regras do jogo. Ele organizou uma partida entre os empregados ingleses de uma ferrovia e de uma empresa de serviço público. Brunstein et. al. (2015) afirma que a partir da ideia de Charles Miller “a popularização do jogo britânico se percebeu com a criação de diversos times com nomes em inglês”.

Segundo Meihy (1982), este é o esporte da nacionalidade, pois se analisarmos como fenômeno brasileiro, coletivo e abrangente, compreendemos a força da solidariedade e podemos deixar de lado algumas diferenças que só nos fazem deixar

mais irracionais, arrogantes e até mesmo preconceituosos. Mas, felizmente, o futebol sobrevive nacionalmente e a passa a ser discutido não só com sentimentos ufanista ou elitista, mas também como reflexão social e educativa para os nossos jovens.

Assim, apenas jogar futebol, com ou sem adaptação, nas escolas ou na rua, não é suficiente para a formação crítica dos sujeitos inseridos no processo educacional, pois o mais importante é pensar e aprender lições de vida que este esporte pode proporcionar. Algumas crianças e adolescentes sonham em ser jogadores ou jogadoras de futebol, mas não são levados se quer a imaginarem as duras realidades de quem sobrevive, exclusivamente, deste esporte. As crônicas de Sérgio Vaz, que estão no caderno de atividades, foram selecionadas para que sejam ampliadas as discussões e as resoluções de questões com ênfase na formação crítica/cidadã.

Trazer a crônica para esta proposta é oportunizar uma formação filosófica sobre os prós e os contras do futebol. Como também alertar para o lado ilusório do futebol que desvirtua muitos jovens das salas de aulas, fazendo com que alguns desistam de estudar ou apenas possuam uma formação escolar incompleta para continuar alimentando o sonho de ser jogador ou jogadora.

As crônicas de Vaz (2021), “GOL CONTRA” e “GOL DE LETRA”, abrem espaço para o diálogo entre outros componentes curriculares – a exemplo de Língua Portuguesa – por meio de uma reflexão centrada na formação de um aluno autônomo, crítico, pesquisador, curioso, indagado, honesto e esforçado. Para Candido (2011), a literatura humaniza por se tratar de um instrumento poderoso para a sociedade, uma vez que interfere nos valores intelectuais e afetivos.

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A Literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (CANDIDO, 2011, p. 177).

Trouxemos a crônica para esta proposta porque somos convictos de que a leitura transforma pessoas, principalmente, o bom texto literário, pois este, sim, provoca reflexão social, formação de atitudes, de procedimentos e, também, de conceitos.

### 2.3 A crônica e a formação crítico-social

A crônica é um texto híbrido: transita entre a notícia, um fato histórico ou fatos comuns do dia a dia. A verdade é que na crônica existe algo pitoresco: uma mistura de realidade com a arte da palavra com o predomínio da linguagem conotativa. Assim, acontece, por exemplo, nas crônicas “GOL CONTRA” e “GOL DE LETRA”, de Vaz (2021), autor escolhido para estar no caderno de atividades organizado deste estudo. Nas palavras de Castelo (2007), a crônica ocupa um espaço fronteiro entre a grandeza da História e a leveza da vida cotidiana. Castelo (2007) chega a afirmar que a crônica confunde.

A crônica confunde porque está onde não devia estar: nos jornais, nas revistas e até na televisão – e nem sempre nos livros. Literatura ou jornalismo? Invenção, ou uma simples (e literal) fotografia da existência? Coisa séria ou puro entretenimento? (CASTELO, 2007, p. 1.)

Entre a coisa séria e o entretenimento está o prazer, a reflexão social e a formação humana, pois ler e compreender uma boa crônica é provocar no estudante/leitor o desejo de conhecer por meio da experiência humana; uma vez que a maioria das crônicas são narradas em primeira pessoa, trazem o pitoresco observado ou vivido por escritores sensíveis a dor, a alegria, o amor, a pobreza daqueles desvalidos de uma vida digna ou até mesmo um gesto de solidariedade presenciado inadvertidamente.

Arrigucci (1987) afirma que a crônica está entre nós há mais de um século e parece ser puramente brasileira, uma vez que se aproxima das nossas conversas cotidianas. Mesmo sendo um gênero antigo, com origem no termo grego “Chronos”, que remetia aos fatos narrados num tempo passado, como também significa noção de tempo atual, a “crônica sempre tece a continuidade do gesto humano na tela do tempo”.

O cronista moderno já não anda a procura dos fatos históricos: guerras, viagens, relatos de autoridades que eram empenhadas a cumprirem missões, pois assim eram os cronistas que relatavam os fatos para reis e rainhas ficarem informados dos acontecidos em terras distantes. Do contrário, o cronista moderno é perspicaz, observa detalhes mínimos do cotidiano e provoca reflexão social para o leitor. Nas palavras de Arrigucci (1987), o cronista moderno está mais perto dos fatos do dia a dia do que da tradição oral e histórica, pois este é um comentarista do cotidiano. Arrigucci (1987) define a crônica como sendo ela própria um fato moderno.

Compreendida desse modo, a crônica é ela própria um fato moderno submetendo-se aos choques da novidade, ao consumo imediato, às inquietações de um desejo sempre insatisfeito, à rápida transformação e à fugacidade da vida moderna, tal como esta se reproduz nas grandes metrópoles do capitalismo industrial e em seus espaços periféricos (ARRIGUCCI, 1987, p. 53.)

A crônica às vezes é melosa, ou seja, parece com a poesia, pois sensibiliza os leitores e traz reflexões sentimentais, por exemplo, a crônica “GOL CONTRA”. Nesta, Vaz (2021) constrói uma narrativa que traz à tona o saudosismo das partidas de futebol jogadas nas ruas, nos terrenos baldios ou campos de várzea, por crianças descamisadas – com suas peles queimadas por um sol escaldante do meio dia – que sonhavam em um dia serem jogadores profissionais. Na verdade, a crônica é, muitas vezes, a voz dos menos abastados financeiramente, e Vaz (2021) sabe fazer isso de forma artística, provando que a Literatura e os esportes criam possibilidades de interação para o ensino/aprendizagem interdisciplinar.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Tipo de estudo

O estudo caracteriza-se como sendo um estudo de natureza qualitativa que não pode ser traduzido em números. Por isso utilizamos a pesquisa para explicar a realidade em termos de conceitos, percepções e comportamentos de acordo com a descrição e apresentação do caderno de atividades com as aulas propostas.

Dessa forma, o caderno de atividades contém práticas corporais, dinâmicas com jogos – as atividades cooperativas – e crônicas esportivas relacionadas às questões sociais.

#### 3.2 Sequência pedagógica

**PRIMEIRO ENCONTRO** – Uma aula – 40 minutos. Dinâmica da laranja ou Jogo do Nome.

No primeiro encontro, para uma aula de 40 minutos, a sugestão é aplicar a dinâmica da laranja. A sala deve ser arrumada em forma de círculo para que todos

fiquem de frente um para o outro. O objetivo principal desta dinâmica é a apresentação pessoal de cada um, por meio dela é possível trabalhar cooperação, ludicidade, timidez, concentração, oralidade e linguagem corporal. Nesta dinâmica, todos irão apresentar-se, pois a laranja deve passar por todos, que devem ficar de pé no círculo, até que volte para quem iniciou a brincadeira. Antes de passar a laranja, aquele que vai jogar/passar deve dizer o nome de quem vai receber, quem recebe escolhe outra pessoa do grupo (que ainda não recebeu a laranja) e diz o nome para depois repassá-la, e assim sucessivamente, até que a laranja chegue às mãos de quem começou.

O jogo prosseguirá até que todos os integrantes do grupo tenham sido chamados e a laranja volte para quem iniciou, no caso, o educador. Vale lembrar que antes da laranja chegar as mãos de quem iniciou não é permitido que os componentes sejam acionados duas vezes, ou seja, joga-se a laranja para quem ainda não foi chamado. Quando a laranja cair, ou por timidez, ou falta de atenção ou o aluno esquecer de chamar o nome de quem vai recebe-la, o jogo deve ser reiniciado pelo professor.

A dinâmica da laranja tem como principal objetivo o desenvolvimento da socialização. É um jogo em que todos são vencedores, desde que as três laranjas (ou bolas) fiquem em movimento com os participantes. Também é importante que todos da turma participem sem que haja desistência, uma vez que os jogos cooperativos buscam, sempre, a inclusão.

É interessante que o educador inicie para que este seja o último. Completada a primeira etapa, o passo seguinte é lançar duas laranjas no círculo, e se possível, dependendo do nível de concentração da turma, lançar até três laranjas ou mais. As laranjas podem ser substituídas por bolas que não sejam tão pesadas, por exemplo, bolas de handebol. Esta é uma dinâmica bastante aplicada em cursos e reuniões do cooperativismo, como também é considerado um jogo cooperativo denominado de “JOGO DO NOME” (SESCOOP, 2007). Todos os participantes são vencedores quando o objetivo é alcançado.

Após a conclusão da dinâmica, atingindo o objetivo ou não, uma vez que é possível que o grupo também não conclua a tarefa com uma laranja\bola, é importante que o educador direcione uma discussão sobre o desempenho dos praticantes. Este será o momento de ouvir as colocações. Cada estudante terá direito a fala para expressar-se e o educador direcionará as falas com questionamentos, por exemplo: “por que muitas pessoas têm medo de falar? Como foi a apresentação que acabamos de vivenciar? Será

que a timidez prejudica? Entre outras indagações contextualizadas com o momento, a exemplo do tratamento por apelidos pejorativos que tanto prejudicam quem sofre.

Após a prática e as reflexões sobre o “JOGO DO NOME” (SESCOOP, 2007), serão feitas orientações para que os estudantes façam a resolução das questões discursivas e de múltiplas escolhas no caderno de atividades.

## SEGUNDO ENCONTRO – Uma aula – 40 minutos. Dinâmica do barbante.

Para este momento, o foco será a dinâmica do barbante (finalidade de concentração e equilíbrio). De início, o professor poderá fazer um resgate da aula anterior, podem ser feitos questionamentos para verificar se houve aprendizagem, por exemplo, o que os alunos lembram da última aula, para que ocorra uma ligação deste encontro contextualizado com o anterior no sentido de jogos e brincadeiras que exigem cooperatividade.

Com a turma em círculo é possível fazer a introdução da aula, ou seja, explicar que será trabalhada mais uma brincadeira envolvendo a cooperação. Pedir que cada estudante fique de pé em frente de sua carteira para que seja iniciada a dinâmica do barbante. O docente vai explicar sobre a importância da cooperação para que esta dinâmica seja realizada com sucesso.

No centro da sala de aula deve ser colocada uma garrafa pet com pouca areia para que a mesma não entorne com o efeito de correntes de ar. Cada estudante receberá uma linha de crochê que será presa na cintura e a outra extremidade será fixada numa caneta. Quando todos estiverem com seus barbantes fixados nas duas extremidades: cintura e caneta; a caneta ficará suspensa no meio da sala, o professor deve explicar que a tarefa é colocar a caneta dentro da garrafa sem o auxílio das mãos, ou seja, todos devem colocar as mãos para trás e o grupo vai colocar a caneta dentro da garrafa sem que as linhas rompam, caso alguém use as mãos ou a linha rompa, será reiniciada a dinâmica. Espera-se que a turma consiga concluir a dinâmica dentro de 20 minutos, pode-se até tentar mais vezes, acrescentando o tempo, desde que o professor tenha o controle do tempo para a realização do encontro. Assim, será direcionada uma discussão sobre como se sentiram na dinâmica no sentido de que haja reflexão sobre os acordos e desacordos entre os participantes.

Concluída a dinâmica e as colocações orais pelos estudantes, o passo seguinte será orientar a resolução das questões discursivas e de múltiplas escolhas presentes no caderno de atividades.

**TERCEIRO ENCONTRO** – Uma aula – 40 minutos. Dinâmica do futebol com oito gols.

Em um terceiro encontro, sugere-se que os estudantes se dirijam até o ginásio, quadra ou pátio para a realização da dinâmica do futebol com oito gols. Serão separados grupos para formação de equipes que devem ser heterogêneas, os seja, times com meninas e meninos. Cada equipe deve conter quatro ou cinco estudantes. Os gols serão formados por cones e não haverá goleiros.

A dinâmica do futebol com oito gols tem como principal objetivo o desenvolvimento do raciocínio lógico e a busca de estratégias para que todos marquem gols, não havendo perdedores, uma vez que o envolvimento na brincadeira, em algum momento, faz com que os estudantes esqueçam o placar e passem a jogar à vontade, assim, todos são vencedores.

Na verdade, serão quatro gols de cones, mas os estudantes poderão fazer gols para qualquer lado, tornando-se, assim, oito gols, não terá saída de bola, uma vez que os gols serão montados de forma centralizada no espaço disponível na escola, ou seja, em forma de quadrado ou retângulo. Vale lembrar que as faltas/infrações serão marcadas e a posse de bola revertida.

Ao final dessa dinâmica, as reflexões e as resoluções de questões devem ser realizadas na sala de aula e o encontro será finalizado com a informação de que na próxima aula serão lidas e discutidas as crônicas “GOL CONTRA” e “GOL DE LETRA”, de Sérgio Vaz.

**QUARTO ENCONTRO** – Uma aula – 40 minutos. Leitura das crônicas GOL CONTRA e GOL DE LETRA, de Sérgio Vaz.

Nesta quarta aula é possível ampliar o assunto sobre futebol e cooperação, uma vez que antes do trabalho com as crônicas (“GOL CONTRA” e “GOL DE LETRA”) aconselhamos que seja feito um resgate da aula anterior. Este é um momento de leitura e

discussão sobre pontos positivos e negativos do futebol, pois, além das leituras, haverá oportunidades para a manifestação de pontos de vista. Em nenhum momento sugerimos que sejam cobradas questões escritas, sobre as crônicas, de cunho gramatical ou linguístico, mas sim questões que levem a reflexão social, uma vez que a leitura deve ser prazerosa, descontraída, enfática, concentrada, enfim, que a literatura cumpra seu devido papel: gerar prazer, reflexão social e formação humana.

**QUINTO ENCONTRO** – Duas aulas – 80 minutos. Dinâmica do Futpar e leitura da crônica O TORCEDOR.

Para o último encontro, duas aulas seguidas, este é o momento de fechamento da sequência. Importante que no início da aula seja feito o resgate da aula anterior e a introdução sobre o que vai acontecer nestas duas últimas aulas de uma sequência que envolve as brincadeiras, jogos, futebol e cooperatividade. Após esta conversa, o passo seguinte é organizar a ida dos alunos ao espaço adequado à prática do Futpar. Faz-se um alongamento, organiza-se as equipes de forma mista, ou seja, alunos e alunas, para só depois de tudo organizado começar uma partida de futebol com adaptações, como por exemplo, jogar de mãos dadas, cada equipe será formada por duplas que formarão os times para que seja realizada uma partida com duração de 25 minutos.

Os objetivos da dinâmica Futpar são estimular a cooperação intergrupala e inverter o conceito de ganhar e perder.

No desenvolvimento dessa dinâmica acontece um jogo de futebol normal, cada equipe será formada por duplas (ou trios) que devem permanecer de mãos dadas.

Joga-se sem goleiros e amplia-se ao máximo as dimensões do campo (ou quadra).

Se houver muitos participantes é possível usar duas bolas simultaneamente.

A dupla que faz o gol, marca ponto para sua equipe, mas em seguida, muda de lado, indo para o outro time.

Ao final do jogo, todos terão jogado com todos, ora na equipe “A”, ora na equipe “B”.

No decorrer da brincadeira, o educador deve ir trocando as duplas, que marcarão gols, para o outro time, como também pode trocar estudantes das duplas, caso alguém não esteja em sintonia com o ritmo do outro, uma vez que o objetivo é que todos

marquem gols, se divirtam, compreendam que na cooperatividade todos saem vencedores.

Para finalizar a dinâmica do Futpar, é importante que o educador feche o momento com uma volta a calma. Assim, todos voltarão à sala de aula para que sejam feitas as colocações sobre cooperação e futebol; como também resolvidas as questões discursivas, contextualizadas nos temas já citados.

Na sala de aula serão entregues cópias da crônica “O TORCEDOR”, de Carlos Drummond de Andrade, que sugerimos como leitura, discussão e resolução de questões para o encerramento da sequência de aulas propostas. Esta crônica, além de servir de apoio para contextualização das temáticas cooperatividade e futebol, também ampliará a reflexão social por meio da discussão ao se abordar o fanatismo exagerado de alguns torcedores, a violência nas torcidas organizadas, a emoção proporcionada pelo futebol e o prazer em ler crônicas esportivas sobre este esporte.

## 4 CADERNO DE ATIVIDADES

### 4.1 Sobre o caderno de atividades

*“Sei que as coisas podem até piorar, mas sei também que é possível intervir para melhorá-las”. (Paulo Freire)*

Este caderno de atividades apresenta sugestões para três semanas de aulas do componente curricular Educação Física. Partindo do princípio de que, geralmente, nas escolas públicas municipais, a carga horária semanal é de 80 minutos, no caso, duas aulas por semana. Aqui, figuram algumas atividades para que o professor possa orientar os estudantes nos registros das impressões e aprendizagens referentes ao experimentado em cada encontro.

A finalidade de organizar este material é contribuir com o desenvolvimento do ensino/aprendizagem por meio da aula de Educação Física. Assim, o interesse está em vivenciar dinâmicas do cooperativismo e futebol com adaptações para que ocorram reflexões positivas para a formação humana.

As questões, discursivas e de múltiplas escolhas, presentes neste caderno, são para ampliar as discussões e compreensão das dinâmicas do cooperativismo/jogos cooperativos, do futebol com adaptações e deste esporte como sendo cultural e rico em reflexões formativas sobre o movimento humano e a Educação para a vida. Vale lembrar que as questões estão elaboradas em decorrência de que sejam privilegiadas as trocas de experiências sobre as duas temáticas em discussão. Mas, é possível que outras questões sejam elaboradas pelos docentes que se apoiarem neste material para o trabalho em sala de aula, a exemplo da ação interdisciplinar a partir das crônicas de Sérgio Vaz e até mesmo de outras temáticas, por exemplo, alimentação adequada, as mídias publicitárias com a exploração dos esportes, saúde mental, dentre outras. Com isso, o que propomos aqui pode ser adaptado de acordo com a realidade de cada professor, da escola e da turma.

#### CADERNO DE ATIVIDADES

#### **Figura 1 – Cooperatividade e futebol nos anos finais do ensino fundamental**



Fonte: [www.facebook.com/photo/](http://www.facebook.com/photo/)? Acesso em: 28 Nov. 2022.

Identificação:

Escola: \_\_\_\_\_

Componente curricular: \_\_\_\_\_

Professor(a) : \_\_\_\_\_

Aluno (a): \_\_\_\_\_

### MENSAGEM AO ESTUDANTE

Caro estudante, este caderno contém atividades que ampliarão e consolidarão a aprendizagem das práticas indicadas para as próximas seis aulas de Educação Física. Após cada prática haverá discussão com roda de conversa a respeito das dinâmicas e jogos. Assim, se faz também importante o registro de suas respostas sobre a compreensão e a reflexão nos momentos de interação com a orientação do professor.

Participaremos de cinco oficinas que serão aplicadas no espaço da sala de aula e em espaços propícios às práticas que serão descritas abaixo. Esteja à vontade para participar das atividades propostas, como também para responder as questões (orais e escrita) de acordo com a sua compreensão.

## OFICINA I

Uma aula – 40 minutos. Dinâmica da laranja ou jogo do Nome.

1. Roda de conversa, ouvir as colocações dos estudantes, com a orientação do professor, sobre a dinâmica da laranja.

2. Descreva como você sentiu-se no momento em que participava desta dinâmica. Fique à vontade.

---

---

---

3. O fato de chamar o outro pelo nome, ao invés de apelidos, traz benefícios para nossa convivência? Justifique sua resposta.

---

---

---

4. Para que a dinâmica da laranja seja realizada e o objetivo seja alcançado pelos participantes, é preciso que ocorra

- a) timidez e silêncio.                      b) força e agilidade.                      c) disputas e brigas.  
d) concentração e cooperação.                      e) gritaria e competição.

5. Para uma brincadeira como esta, que acabamos de realizar, há vencedor ou perdedor? Justifique.

---

---

---

## OFICINA II

Uma aula – 40 minutos. Dinâmica do barbante.

6. Resgate da aula anterior por meio de uma roda de conversa direcionada para a importância da cooperatividade.

7. Qual a maior dificuldade para que a caneta fosse colocada dentro da garrafa pet? Justifique.

---

---

---

8. No trabalho cooperativo com as linhas, a caneta, nossos corpos e a garrafa pet, foi preciso, também, de uma

- a) individualidade.                      b) liderança.                      c) competição agressiva.  
d) indisciplina.                      e) trapaça.

## OFICINA III

Uma aula – 40 minutos. Dinâmica do futebol com oito gols.

9. Resgate da aula anterior por meio de uma roda de conversa.

10. Comente sobre o futebol com oito gols. Fique à vontade para opinar.

---

---

---

---

## OFICINA IV

Uma aula – 40 minutos. Leitura das crônicas GOL CONTRA e GOL DE LETRA, de Sérgio Vaz.

11. Resgate da aula anterior: roda de conversa.

12. Muitos dos colegas do autor ainda continuam cometendo

- a) atrasos.      b) faltas.      c) bons jogos.      d) péssimos jogos      e) justiça.

13. “Eram os melhores momentos de um tempo em que o destino **entrava de sola em nossas vidas**.” O enunciado em destaque nos dá a entender que

- a) jogavam duro.                      b) sofriam lesões.      c) traçavam a dura realidade da vida.  
d) tudo era fácil.                      e) eram desleais.

14. Comente o último parágrafo de acordo com o seu entendimento.

---

---

---

15. Após a leitura da crônica, o que é preciso para virar o jogo? Comente.

---

---

16. Com base nas duas crônicas lidas, conversas em sala de aula e seu conhecimento de mundo, ser jogador de futebol é uma ilusão de muitos jovens? Justifique sua resposta.

---

---

---

---

## OFICINA V

Duas aulas – 80 minutos. Dinâmica do Futpar e leitura da crônica “O TORCEDOR”.

17. Resgate da aula anterior: roda de conversa.

18. Avaliação em grupo ainda na quadra ou campo por meio da oralidade (roda de conversa) expressa pelos participantes.

19. Comente sobre o conceito de ganhar ou perder com base no jogo de futebol de mãos dadas.

---

---

---

---

---

---

20. Cite exemplos que exigem cooperatividade em uma partida de futebol.

---

---

---

---

21. Com base na leitura da crônica “O TORCEDOR”, de Carlos Drummond de Andrade, e em nossas discussões em sala de aula, o futebol e as torcidas causam problemas nas ruas em dias de jogos? Justifique sua resposta.

---

---

---

---

---

---

22. Na crônica “O TORCEDOR”, de Carlos Drummond de Andrade, quais os aspectos positivos advindos do futebol?

---

---

---

---

---



criativo, aproveitar jogos e brincadeiras populares, dinâmicas do cooperativismo e leituras relacionadas as temáticas diversas para promover o ensino/aprendizagem.

Às vezes nos deparamos com situações difíceis nas escolas públicas, por exemplo, estudantes avessos às interações, tanto por meio da prática de atividades físicas planejadas quanto por meio da interação verbal para a discussão de temáticas relevantes à vida; mas será o trabalho persistente e planejado do professor que irá rompendo, mesmo que devagar, com hábitos de que apenas jogar futebol e baleada são aulas de Educação Física.

O que propomos é uma inovação/sugestão para o trabalho com o componente curricular Educação Física. Não queremos que as sugestões apresentadas, principalmente no caderno de atividades, sejam vistas como estanques, ou seja, fechadas, pois somos conscientes das diversidades existentes nas escolas, tanto nas estruturas quanto no público que frequenta tais espaços.

Nossa expectativa é que este caderno de atividade seja posto em prática e venha contribuir com a qualidade do ensino de Educação Física Escolar. Portanto, esperamos que os jogos cooperativos sejam cada vez mais inseridos dentro das escolas em diferentes situações, pois estes contribuem para a formação humana com base na ética e no respeito. Logo, nossa ideia é que as dinâmicas, os jogos cooperativos e as modalidades esportivas adaptadas para a cooperação proporcionem a integração social entre estudantes, professores, famílias e membros das comunidades onde as escolas públicas estão inseridas.

Além disso, também esperamos contribuir com a formação continuada dos professores de Educação Física, pois, dessa forma, utilizando este caderno ou adaptando-o, esperamos que estes sintam-se mais seguros no tocante a execução de seus planejamentos e suas criatividade/intuições no dia a dia em sala de aula.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. **De conto em conto**, v. 2. São Paulo: Ática, 2001.

BRASIL – **Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2019.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. In: **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 48, Agosto/99.

BROTTO, Fábio Otuzi. **Jogos Cooperativos: o jogo e esporte como um exercício de convivência – Dissertação (mestrado)**. Universidade de Campinas, Faculdade de Educação Física: SP [s.n.], 1999.

BRUNSTEIN, Adriana. et. al. **Esporte e educação: saúde e cidadania na escola**. 1. ed. João Pessoa: Ed. Eureka, 2015.

CANDIDO, Antonio. O DIREITO À LITERATURA. In: **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. Ouro sobre Azul, 2011.

CARDOSO, Ana Lúcia. Futebol Co-Educativo na Concepção Crítico Emancipatória: possibilidades pedagógicas. In: **Didática da educação física 3: FUTEBOL**. 2. ed. Ijuí: Ed. Ijuí, 2005.

CASTELO, José. CRÔNICA, UM GÊNERO BRASILEIRO. In: **suplemento literário Rascunho**, setembro de 2007.

FREIRE, João Batista. **Pedagogia do futebol**. 2. ed. Campinas: São Paulo: Autores Associados, 2006.

FREIRE, Paulo. **PEDAGOGIA DA AUTONOMIA - saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

KUNZ, Eleonor. **Didática da educação física 3: FUTEBOL**. 2. ed. Ijuí: Ed. Ijuí, 2005.

\_\_\_\_\_. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 7. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. 28ª reimpressão. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

LOPES, Wirnea Maria de Paula & PIMENTL, Giuliano Gomes de Assis. JOGOS COOPERATIVOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA. In: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/diretrizes\\_2009/out\\_2009/ed\\_fisica.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/diretrizes_2009/out_2009/ed_fisica.pdf). Acesso em: 05 nov. 2018.

MENDES, Lígia Calandro. Jogos Cooperativos: Eu aprendo, tu aprendes e nós cooperamos. In: **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – 2009.8 (2): 133-154.

MIHY, José Carlos Sebe Bom. **FUTEBOL E CULTURA – Coletânea de estudos**. 1.ed. São Paulo: Imprensa Oficial: Arquivo do Estado, 1982.

MOTTA-ROTH, Désirée & HENDGES, Graciela H. **PRODUÇÃO TEXTUAL NA UNIVERSIDADE**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SILVA, Valdemir da & SAMPAIO, Adelar Aparecido. A COOPERAÇÃO NOS JOGOS E ATIVIDADES POPULARES COMO FACILITADORA DA SOCIALIZAÇÃO E APRENDIZAGEM DOS CONTEÚDOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA. In: **CADERNOS PDE. OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR**. Versão Online, ISBN 978-85-8015-080-3. 2014.

SESCOOP – Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo. Sementes da Cooperação – Programa COOPER JOVEM – Livro do professor. **Plantando a semente do Cooperativismo: [professor]**. Brasília: SESCOOP, 2007.

VAZ, Sérgio. **LITERATURA, PÃO E POESIA – HISTÓRIA DE UM POVO LINDO E INTELIGENTE** – 1. ed. São Paulo: Editora Global, 2021.

XAVIER, Antonio Carlos. **Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos**. 1. ed. Recife: Editora Rêspel, 2010.

#### ANEXO A - GOL CONTRA

No meu tempo de moleque ninguém tinha uma profissão em mente para se apegar no futuro, e todos, sem exceção queriam ser jogadores de futebol. E olha que naquela época nem dava tanto dinheiro assim. Mas não sei se pelo romantismo, pela magia ou simplesmente pela falta de perspectiva... Sei lá, só sei que todos nós queríamos ser jogadores de futebol. Eu, apesar da idade, confesso que ainda quero.

Mas o tempo passou, o Morumbi e o Maracanã envelheceram em mim e a memória, esse estádio vazio, toma dribles maravilhosos da lembrança, e tudo que me lembro foram os gols perdidos. Perdi muitos gols cara a cara com o goleiro, por isso não sou jogador, por isso não sou doutor. Tomei muita vaia do destino.

Não lembro de nenhum amigo desta época que tenha sequer passado na peneira de algum time profissional, poucos viraram doutores e uns tantos não "lerão" este artigo, se é que vocês me entendem.

A Violência sempre fez muitas faltas no nosso jogo, e quase todas por trás. Dói só de lembrar.

Apesar dos intervalos, lembro-me de partidas inesquecíveis, dessas que começavam pela manhã e seguiam tortuosas pela tarde, interrompidas apenas pelo almoço e o café das três.

São momentos inenarráveis passados com estes parceiros de time, esses meninos sábios e imortais, sem presente e sem futuro deslizando os pés descalços pelo chão. Corpos quase nus riscávamos a paisagem com nossas peles cravejadas de ossos e temperadas de suor. Eram os melhores momentos de um tempo em que o destino entrava de sola em nossas vidas.

Hoje em dia, aquele campinho de terra que esculpimos com as nossas próprias mãos é um grande cemitério, e muitos deles, craques interrompidos, estão ali, enterrados com seus sonhos, antes mesmo do jogo acabar.

Outros, por desrespeitarem as regras cometeram pênaltis desnecessários (?), e, por ordem dos juízes, foram mais cedo para o chuveiro.

Para minha tristeza muitos ainda continuam a cometerem faltas, sem medo de tomar cartões vermelhos ou amarelos, sem se importar com a força do adversário, sem se importar com a cor da camisa, sem se importar com os derrotados, se importando apenas em vencer, e vencer a qualquer preço.

Às vezes, muitos são substituídos com o jogo em andamento, alguns, antes mesmo de tocarem na bola.

Quando se fecham as cortinas, perder sem jogar é uma derrota difícil de aceitar.

Por isso, quando a dor sai do vestiário e a saudade entra em campo, faço um minuto de silêncio, deixo uma lágrima rolar e jogo por eles a prorrogação.

Referência: VAZ, Sérgio. **LITERATURA, PÃO E POESIA – HISTÓRIA DE UM POVO LINDO E INTELIGENTE** – 1. ed. São Paulo: Editora Global, 2021.

## ANEXO B – GOL DE LETRA

Outro dia fui assistir o último jogo do Palmeiras no estádio Palestra Itália, que vai ser demolido depois de 91 anos de história. Estádio de futebol todo mundo sabe, independente do time que torça, parece um coração batendo, ou, em muitos casos, apanhando. É um lugar para sorrir e chorar.

Sou palmeirense, e o Parque Antártica tem muito a ver com a minha história. Durante muito tempo sonhei em jogar ali. E sonho de criança todo mundo sabe, é uma partida que não termina nunca.

Futebol é e sempre foi a minha paixão, assim como os livros, como a poesia. Quem gosta sabe, cada partida é um capítulo diferente, os personagens parecem que sempre são os mesmos, mas não são, e ninguém, quase nunca, sabe o final.

Lembro até hoje a primeira vez que fui assistir a um jogo no estádio. Acostumado com a terra vermelha impressa nos campinhos de terra da minha rua, a grama verde quase me cegou. Nunca tinha visto tanta gente em minha vida, aliás, meu mundo era tão pequeno que não sabia que existiam outras pessoas em outros bairros.

Pra falar bem a verdade, de tão pequeno meu mundo cabia dentro de uma bola de gude, e achava que o planeta se chamava Terra porque todas as ruas não tinham asfalto.

Nesse dia todos gritavam ao mesmo tempo, mas não era difícil ouvir a torcida do meu coraçãozinho abafando o barulho da multidão, e parecia que ele queria sair pela boca. Aliás, se ele saísse pela boca, eu matava no peito fazia duas embaixadinhas e chutava pra dentro do campo, e corria pra galera. Recuando a bola ao passado, até parece que fiz isso mesmo, pois ele nunca mais saiu de lá.

Houve um tempo, em que o dinheiro driblava mais que o Edu bala, os estádios cabiam dentro do ouvido, e para quem não sabe, o radinho de pilha que hoje joga no “E. C. Veterano da memória”, foi os olhos de muita gente. E só mesmo José Silvério e Fiori Giglioti eram capazes de fazer a gente assistir um espetáculo sem mesmo estar presente. E só mesmo quem ama é capaz de enxergar o que não vê.

Falando em amor, alguns jogadores como Ademir da Guia, Jorge Mendonça e Evair eram poetas que escreviam poemas com os pés, e depois de cada jogo, independente do resultado, a poesia estava ali, impressa, cada verso, cada estrofe, em nossas retinas tão maltratada pela aspereza da vida.

E sem querer ofender o Deus de ninguém, esses anjos encardidos já fizeram cada milagre...

É por isso que muita gente confunde esse esporte com religião. Por um gol salvador nos acréscimos, até um ateu é capaz de ajoelhar.

Amo futebol porque lembra a minha infância: o zagueiro entra de carrinho e o centroavante faz gol de bicicleta. Só quem não sabe pedalar não consegue entender.

O Brasil não é desigual porque as pessoas gostam deste esporte, ele é injusto porque a minoria não respeita o grito (não importa o time que você torça) que vem da arquibancada e isto sim é jogo violento. É falta, é pênalti, mas o bandeira nunca vê e o juiz nunca marca.

Se queremos virar o jogo temos que entender: para quem não sabe ler, o futebol é letra. E se quem sabe, ensina quem não sabe, é craque, aí é gol de letra.

Obrigado Palmeiras!

## ANEXO C – O TORCEDOR

No jogo de decisão do campeonato, Eváglio torceu pelo Atlético Mineiro, não porque fosse atleticano ou mineiro, mas porque receava o carnaval nas ruas se o Flamengo vencesse. Visitava um amigo em bairro distante, nenhum dos dois tem carro, e ele previa que a volta seria problema.

O Flamengo triunfou, e Eváglio deixou de ser atleticano para detestar todos os clubes de futebol, que perturbam a vida urbana com suas vitórias. Saindo em busca de táxi inexistente, acabou se metendo num ônibus em que não cabia mais ninguém, e havia duas bandeiras rubro-negras para cada passageiro. E não eram bandeiras pequenas nem torcedores exaustos: estes pareciam terem guardado a capacidade de grito para depois da vitória.

Eváglio sentiu-se dentro do Maracanã, até mesmo dentro da bola chutada por 44 pés. A bola era ele, embora ninguém reparasse naquela esfera humana que ansiava por tornar a ser gente a caminho de casa.

Lembrando-se de que torcera pelo vencido, teve medo, para não dizer terror. Se lessem em seu íntimo o segredo, estava perdido. Mas todos cantavam, sambavam com alegria tão pura que ele próprio começou a sentir um pouco de Flamengo dentro de si. Era o canto? Eram braços e pernas falando além da boca? A emanção de entusiasmo o contagiava e transformava. Marcou com a cabeça o acompanhamento da música. Abriu os lábios, simulando cantar. Cantou. Ao dar fé de si, disputava à morena frenética a posse de uma bandeira. Queria enrolar-se no pano para exteriorizar o ser partidário que pulava em suas entranhas. A moça, em vez de ceder o troféu, abraçou-se com Eváglio e beijou-o na boca. Estava batizado, crismado e ungido: uma vez Flamengo, sempre Flamengo.

O pessoal desceu na Gávea, empurrando Eváglio para descer também e continuar a festa, mas Eváglio mora em Ipanema, e já com o pé no estribo se lembrou. Loucura continuar Flamengo a noite inteira à base de chope, caipirinha, batucada e o mais. Segurou firme na porta, gritou: "Eu volto, gente! Vou só trocar de roupa" e, não se sabe como, chegou intacto ao lar, já sem compromisso clubista.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares, principalmente meu filho Gustavo Múcio, pois sempre estive perguntando sobre as coisas do Curso, hoje ele vive ligado ao Basquete e planeja ser professor de Educação Física Escolar.

Aos companheiros e companheiras de Curso que tanto construíram comigo momentos de interação, trocas de experiências e aprendizagens.

Aos professores e professoras do Curso de Educação Física que tornam este Curso tão importante para a sociedade.

À professora Dr<sup>a</sup>. Maria Goretti da Cunha Lisboa, por suas aulas e orientações refinadas de metodologia, traquejo pedagógico, sempre preocupada com a formação do professor de Educação Física que vai atuar nas escolas.

Aos amigos do futebol, pois estes sempre estão dando incentivo para a minha caminhada como professor de Educação Física.

Ao professor Marizardo Miranda Ferreira, por ser uma pessoa muito honesta e compartilhar comigo experiências do mundo do futebol.

Agradeço aos estudantes que já interagiram e ainda interagem comigo, pois estes contribuíram e contribuem para a minha formação profissional como Educador.

Em especial, agradeço a Maria Jaidete Santos de Araújo, minha esposa, que sempre compreendeu meus esforços para estudar.

Agradeço ao senhor José Aprígio Maciel, por ter me presenteado com a minha primeira bola de futebol, pois este esporte contribuiu muito para minha formação pessoal.

Por fim, agradeço aos meus amigos e amigas, especialmente aqueles e aquelas que não sabem decodificar os sinais da escrita, que muitas vezes pediram para que eu assinasse as súmulas das partidas de futebol por eles, pois estas pessoas sempre me proporcionaram e continuam proporcionando momentos de terapia, diversão e aprendizagem contínua.

Aos funcionários da Biblioteca Central, principalmente a Daniel Soares de Sousa, funcionário do LINC, muito atencioso, simpático, dedicado ao extremo ao que faz.









